

Síntese comentada – Texto Aula 2

Capitalismo clientelista (Crony Capitalism)

Caio Prado Ferraz (RM 30338)

Economia para o Século XXI

Prof. Eduardo José Bernini

O capitalismo clientelista

O texto começa explicando o significado do termo capitalismo clientelista (ou capitalismo de compadrio), que nada mais é que a aliança entre o governo e a força empresarial de tal forma que os interesses das empresas envolvidas sejam defendidos sempre em primeiro lugar para que continuem a crescer, com benefícios fiscais, afrouxamento em fiscalizações e regulamentações, além de outras formas de favoritismo perante o governo e sua influência. Essa prática passa por cima de qualquer interesse social além de ter forte tendência de corromper os ideais de bem público, econômico e político, e se move apenas em direção a defesa dos interesses empresariais.

O texto ainda lembra que apesar de carregar o termo “capitalismo”, essa prática é totalmente oposta ao chamado capitalismo de livre mercado, pois as empresas que não tiverem condições de pagar o preço por essa “boa relação” e aliança com o governo terá uma enorme desvantagem em relação às empresas que fazem parte da aliança, ocasionando em uma concorrência desleal e pouco equilibrada.

No Brasil essa prática é cometida de forma maquiada com o financiamento privado de campanha. As empresas pagam um alto preço para os partidos durante a campanha eleitoral, e em troca o mesmo partido quando chega no poder (tanto legislativo como executivo) deve ceder benefícios e privilégios para os seus patrocinadores, mesmo que esses benefícios caminhem na contramão do interesse público.

Um exemplo recente dos malefícios que o capitalismo clientelista pode trazer para a sociedade é o caso da mineradora Samarco em novembro de 2015. Fica muito claro que foram concedidas todas as brechas legais e de fiscalizatórias para a exploração do minério continuar avançando de forma desvairada no subdistrito de Bento Rodrigues em Mariana-MG. O perigo é eminente quando o lucro dos acionistas se torna maior do que a preocupação com a vida humana. Devido a frouxa fiscalização a barragem de rejeitos do Fundão cedeu, pois estava operando no seu limite para maximizar os lucros. O

impacto ambiental foi enorme, houve perda de vida humana e animal, milhares de casas de famílias destruídas, a morte do rio Doce que abrange 230 municípios de Minas Geras e Espírito Santo, que utilizam o seu leito como subsistência.

A licença ambiental da Samarco foi suspensa, o que impactou negativamente na economia do distrito de Mariana que teve queda de 60% no comércio e perdas de R\$ 5 milhões em arrecadação. Diversas famílias que tinham como o sustento a renda de trabalho da mineradora e as comunidades ribeirinhas que se sustentavam das atividades de pesca no rio e seus afluentes ficaram desamparadas e sem a sua fonte de renda.

Síntese comentada – Texto Aula 4

Crescimento, rápido e lento

*Discurso proferido por Andrew G. Haldane, economista
chefe do Banco da Inglaterra, na Universidade de Eaos
Angli em 17/02/2015*

Caio Prado Ferraz (RM 30338)

Economia para o Século XXI

Prof. Eduardo José Bernini

Introdução

De início o interlocutor anuncia que vai discursar sobre o crescimento econômico, e que o PIB (Produto Interno Bruto) não é um índice muito preciso para isso, pois não retrata o Bem Estar Social. Já em contrapartida, fala que o crescimento econômico **sustentável** é determinante para a melhoria contínua da qualidade de vida de uma sociedade. E como exemplo, Andrew compara a economia da China com a Itália, que nos anos 90 a renda anual agregada dos dois países era igual, mas que com o passar dos anos atualmente a economia da China é oito vezes maior que a da Itália, devido aos juros compostos e pela economia chinesa crescer 10% ao ano e a italiana menos de 1%.

Com a crise financeira, o crescimento econômico global caiu de 3% ao ano para 1%. A economia global aqueceu rapidamente, mas depois esfriou, assim como aconteceu na época da Grande Depressão nos 1930. Sobre a crise, temos dois lados da moeda. Os mais pessimistas dizem que isso se deve aos altos níveis de débito, desigualdade social, crises demográficas e serviço educacional precário. E os otimistas acreditam que esse momento é o que vai alavancar uma nova revolução industrial com o advento e crescimento da tecnologia digital. E para entendermos melhor o que está por vir, é necessário analisar o processo histórico da economia e detectar os períodos de estagnação secular e de inovação secular, e assim compreender os efeitos determinantes para cada fase do crescimento.

Uma breve história do crescimento

Voltando na história, no início da Revolução Industrial em 1750, houve uma média de crescimento econômico de 1,5% ao ano, ou seja, cada geração tem sido por volta um terço mais rica que a anterior. Esse crescimento só não tem sido constante devido às guerras, depressões e crises financeiras. Mas os lapsos da inovação ao longo do crescimento econômico foram sempre temporários, enquanto os saltos na inovação têm sido permanentes. A inovação secular ofuscou a estagnação.

A inovação na história possui três fases que deram a luz às chamadas tecnologias de interesse geral (GPT's), que podiam ser utilizadas em muitos

setores além dos quais elas tinham sido designadas. A primeira fase é a revolução industrial (meados do século XVIII) onde as GPT's desenvolvidas na época foram o motor a vapor, os teares de algodão e as ferrovias. Já na segunda fase na era da industrialização em massa (metade derradeira do século XIX) as GPT's foram a eletricidade, o motor de combustão interna, suprimento interno de água e o saneamento. E na terceiro temos o computador pessoal e a internet.

Com esses fatos históricos aliados ao nosso momento atual, podemos acreditar em uma quarta fase, onde a economia e a tecnologia compartilhada têm cada vez mais ganhando força, com aplicativos e redes onde as pessoas se comunicam e se ajudam compartilhando informações e serviços a um menor custo.

Uma longa história do crescimento

Quando olhamos para a história por um tempo maior, vemos esse crescimento nem sempre foi assim. Por três milênios antes da Revolução Industrial o crescimento per capita era de apenas 0,01% ao ano. As melhorias no bem estar social nessa época eram imperceptíveis, o que nos mostra que a ascensão na qualidade de vida na verdade não tem sido uma regra, e sim uma exceção, ou seja, a estagnação secular foi muito mais comum do que a inovação.

Por vários milênios antes de 1800, a expectativa de vida de uma pessoa era de 30 a 40 anos e as taxas de natalidade e óbitos permaneceram praticamente constantes. Esses e muitos outros índices indicam que a qualidade de vida no mundo se manteve estável por boa parte dos últimos três mil anos antes de decolar nos últimos 300 anos.

A inovação secular dos últimos anos sucedeu um longo período de estagnação secular, o aumento da qualidade de vida e bem estar social são fenômenos muito recentes ao olhar um longo período histórico.

Raízes tecnológicas da Revolução Industrial

O locutor chega a um tema em comum para explicar a fonte do crescimento: paciência. A paciência incentiva a poupança, que por sua vez

financia o investimento, para chegar ao acúmulo de capital. Esse acúmulo de capital quando utilizado com eficiência e inteligência é o que guia o crescimento. O investimento de hoje é o crescimento de amanhã como diz a teoria neoclássica.

Portanto, na teoria neoclássica o crescimento é determinado por forças externas. A primeira é a paciência dos indivíduos, que é atemporal e não considera os estados de natureza. E a segunda é o progresso tecnológico, que varia de acordo com o tempo, porém de forma imprevisível.

Essa teoria explica a virada no crescimento após a Revolução Industrial, que teve uma sequência de inovações tecnológicas na Inglaterra que alavancaram potencialmente as possibilidades de produção da sociedade. Mesmo demorando décadas para essas GPT's ampliarem suas formas de aplicações e influências, quando o crescimento se aliou a produtividade iniciou-se então uma onda de investimentos em infraestrutura, surgindo e desenvolvendo cada vez mais fábricas, maquinário e locomotivas. Todos esses fatores tiveram forte influência na melhoria na qualidade de vida.

O avanço tecnológico aumentou o acúmulo de capital físico, e mesmo os países estando em diferente patamar, os índices de crescimento aumentaram continuamente para todos.

Raízes sociológicas da Revolução Industrial

Mas não é possível traçar um método ou cálculo preciso referente às influências de tempo, paciência e investimento para prever que a próxima onda de inovações ocorrerá na mesma frequência que todas anteriores. Existe também uma teoria de que os fatores que induzem o crescimento são múltiplos e não singulares, são sociológicos e nem tanto tecnológicos. Estamos falando da educação, cultura, cooperação e infraestrutura. Para tentar entender as formas de influências que atuam sobre as inovações é necessário ampliar a definição de capital: físico, humano, social, intelectual, infraestrutural.

As ferrovias, por exemplo, vieram não só da invenção do motor a vapor, mas também dos materiais e das habilidades para construir locomotivas e trilhos. Essas fontes de ganhos de capital cresceram em altas taxas até a Revolução Industrial como o caso do capital humano, devido ao nível de

alfabetização de países europeus que passaram de 1% da população para 50%.

Estudos empíricos sugerem que os padrões educacionais dos EUA são responsáveis por um quinto do seu crescimento. E que a troca de mão de obra iletrada por letrada foi predominante para o acontecimento da Revolução Industrial. Outro ponto importante é o aumento do capital social, que é demonstrado nesse período em um dos seus fatores de medição na redução de mortes por assassinato e guerras.

No caso específico da Inglaterra, que por sua história criou a Revolução Industrial, houve grandes transformações e criações de sistemas durante o período antes da revolução, como: criação do sistema parlamentar, legal, judicial, banco central e o crescimento do papel do governo.

Existe também um estudo que afirma que a ausência de boas instituições é a razão determinante pela qual as nações fracassam. Porém, não é possível afirmar, que todos esses crescimentos em conjunto propiciaram a Revolução Industrial, e sim por várias outras inovações que ocorreram desde o século XII (moinho de vento), para ele a semente da revolução foi plantada em cada inovação do passado que foram trazendo outras transformações até a combinação de necessidade, desenvolvimento tecnológico e acúmulo de capital propiciar a revolução.

Conclusão

O autor conclui dizendo que apesar dos ingredientes precisos para o crescimento ainda ser um mistério, é possível afirmar que o crescimento é fruto da mistura entre fatores sociológicos com fatores tecnológicos. Atualmente, o crescimento tecnológico é constante, mas o sociológico não está acompanhando o mesmo ritmo.